

Educação, Turismo e Hotelaria: narrativas dos egressos do Curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão sobre Formação e Mercado de Trabalho

Education, Tourism and Hospitality: Hotel Management training and job market as reported by the Federal University of Maranhão graduates

Jonilson Costa Correia

Universidade Federal do Maranhão

Resumo: Este trabalho teve por objetivo analisar as percepções dos egressos do Curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão sobre a sua formação e o mercado de trabalho a partir de narrativas. A coleta e análise dos dados foram feitas a partir do modelo qualitativo e teve como técnica a entrevista, a fim de capturar as suas experiências, subjetividades, as emoções, os sonhos e as expectativas e, também, as contradições do contexto no qual estão inseridos a partir de suas narrativas orais. Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram os egressos do Curso de Hotelaria da UFMA, bacharelado. Ao longo das narrativas, percebemos fragilidades, contradições e, principalmente, lacunas que precisam ser preenchidas, espaços que necessitam ser revisitados pelos professores, alunos e pela escola de hotelaria e turismo da UFMA nos seus diversos projetos de extensão, pesquisa e durante as atividades de sala de aula.

Palavras-chave: Educação. Mercado de Trabalho. Hotelaria. Maranhão. UFMA.

Abstract: The objective of this study was to analyze the reported perceptions of Hotel Management graduates from the Federal University of Maranhão (UFMA) on their training and the job market. The data were collected and analyzed by using the qualitative model, and the interview technique was used to capture their experiences, subjectivities, emotions, dreams and expectations, as well as the contradictions of the context in which they are inserted based on their oral reports. The research subjects were graduates from the UFMA Bachelor's degree in Hotel Management. Throughout the reports we perceived fragilities, contradictions and mainly gaps that need to be filled, spaces that need to be revisited by teachers, students and the hotel and tourism school of UFMA in its various outreach initiatives, research projects and classroom activities.

Keywords: Education. Job market. Hospitality. Hotel Management. Maranhão. UFMA.

Introdução

É importante conhecer a realidade vivenciada pelos egressos após a graduação, os caminhos escolhidos e as condições defrontadas na constituição deste egresso. É fato que muitos, ao iniciarem sua trajetória profissional, encontram situações adversas que fazem parte de um sistema mais amplo que envolve aspectos que não foram contemplados durante a formação acadêmica.

Andriola (2014) destaca que raros são os estudos de acompanhamento dos egressos dos cursos de graduação, realizado pelas IES brasileiras. Este autor salienta que se houvessem mais pesquisas sobre os egressos, estas ajudariam a compreender o impacto das ações institucionais na formação dos alunos, as fragilidades da formação oferecida em comparação às exigências do mercado e também as competências desenvolvidas com a formação ou mesmo as que deveriam ser desenvolvidas.

Realizar uma pesquisa com egressos significa acompanhar os caminhos percorridos por eles e, além disso, é uma possibilidade de analisar a educação e permite conhecer questões relevantes, como as mudanças do mundo do trabalho, a continuidade na formação e o desenvolvimento profissional do egresso. Essas informações possibilitam à instituição formadora adaptar os currículos e oferecer cursos apropriados às necessidades da sociedade e dos alunos. Portanto, possibilita aos profissionais estabelecer um elo entre a formação teórica e a prática, ao avaliarem o currículo que praticaram e o exercício da profissão (SAKAI; CORSONI JUNIOR, 2008).

Este trabalho surge a partir das seguintes questões: qual a percepção que os egressos do Curso de Hotelaria têm a respeito da sua formação? A formação no Curso de Hotelaria atende as exigências do mercado de trabalho? Quais foram as expectativas dos egressos ao ingressarem no mundo do trabalho? Quais são os saberes necessários para a inserção no mercado hoteleiro? Quais são os desafios e perspectivas da formação em hotelaria na UFMA?

Abrir perguntas para discussão sobre o ensino superior em hotelaria impõe pensar sobre educação e sua articulação com as dimensões laborais, a visão de uma educação voltada às necessidades de produção, atenta aos reclamos do mercado de trabalho.

A educação na sociedade contemporânea, tal como aponta Frigotto (1993) está voltada para a formação de mão de obra para participar do processo de produção. Em acréscimo, a educação é tida como uma atividade de investimento realizado para o fim de aquisição de capacitações e habilidades que garantam

satisfações futuras à pessoa enquanto agente produtivo. A educação não apenas passa conhecimentos para o mercado, mas também articula outros conhecimentos para os interesses dominantes prevalecerem. Assim, acrescenta o autor, “a educação dos diferentes grupos sociais de trabalhadores deve dar-se a fim de habilitá-los técnica, social e ideologicamente para o trabalho” (FRIGOTTO, 1993, p.26).

A universidade do século XXI é pressionada a transformar o conhecimento e os recursos humanos em produtos que devem ser explorados comercialmente. Desse modo, a natureza da educação na sociedade contemporânea está vinculada ao mercado de trabalho, que requer à sua disposição uma enorme massa de força de trabalho com qualificação técnica que lhe garanta maior produtividade.

Estas discussões acerca da relação entre educação e trabalho não se desvinculam da realidade dos cursos de turismo e hotelaria, posto que são habilitações que surgem com o intuito de servir aos propósitos do mercado, com ênfase no saber-fazer. Segundo Lahr (2004), a educação na área de hospitalidade começou da necessidade de treinar pessoas para o trabalho, capacitando os aprendizes nas tarefas que lhes seriam delegadas, sem maiores preocupações em relação à crítica ou reflexão.

A Transição: da universidade ao mercado de trabalho

A relação entre Educação Superior e mercado de trabalho tem sido objeto de vários estudos, em particular sobre o papel da universidade na formação de recursos humanos e, ainda, sobre o ingresso destes no mundo do trabalho. A universidade é uma instituição formadora de capital humano e produtora de conhecimentos que podem ou não corresponder a uma determinada demanda social.

A partir da Revolução Industrial se evidenciaram os vínculos da educação com a produção da vida material, carecendo, assim, a vida produtiva de formação, passando o mercado a ser elemento indissociável e princípio ordenador do sistema de ensino, do currículo e das práticas pedagógicas, reproduzindo as relações sociais de produção e conformando os sujeitos à ordem da sociedade capitalista. (SILVA *et al.*, 2013).

Nessa perspectiva, desde então, a formação do trabalhador se desvincula dos objetivos culturais e sociais da educação, ou seja, não há preocupação com a dimensão subjetiva do sujeito, e nem com a transição do aluno da universidade para o mercado de trabalho. Hoje, a sociologia, a economia e a psicologia do trabalho são as ciências que mais coletam informações acerca da transição de estudantes do ensino superior para o mercado de trabalho, se bem que elas não estão preocupadas primariamente com aspectos educacionais, mas, sim, com aqueles que dizem respeito ao seu objeto de pesquisa.

As análises das transições pelas quais passam os estudantes de ensino superior – feitas pela psicologia do trabalho - consideram este fenômeno como um processo de mudanças que acompanham o estudante durante todo o curso. No entanto, estas mudanças se intensificam em dois momentos do curso: logo no momento do ingresso na Educação Superior e, posteriormente, no final da graduação, ou seja, na ocasião da transição da universidade para a vida profissional. A transição é entendida como “qualquer acontecimento ou não acontecimento que produza mudanças no nível dos relacionamentos, das rotinas, dos papéis do indivíduo ou possa afetar a ideia ou o conceito acerca de si e do mundo que o rodeia” (SCHLOSSBERG; WATERS; GOODMAN, 1995).

A transição que acontece na entrada para o Ensino Superior é marcada principalmente pelos seguintes desafios: assumir novas funções e responsabilidades e atender às exigências do novo grau de ensino. Assim é necessário que o estudante se familiarize com uma nova situação.

A transição que ocorre no final do ensino superior é marcada como uma nova etapa da vida do indivíduo, na qual tem de assumir novas responsabilidades, passando a ser o condutor da sua vida pessoal e profissional. Esse período é marcado pela iminência da formatura e inserção no mercado de trabalho, gerando grandes expectativas, ansiedade e insegurança (DEL PRETRE; DEL PRETRE, 2003). Este momento significa a saída de um ambiente que o estudante passou a conhecer e a conviver - o ambiente do Ensino Superior - e os desafios de um novo cenário, o mundo do trabalho, que é composto por novos tipos de relações e informações, principalmente exigindo habilidades sociais diferentes das desenvolvidas no âmbito da universidade (ALMEIDA; SOARES, 2003).

Na compreensão de Melo e Borges (2007), o período de transição da universidade para o mercado de trabalho é um momento de caminhada, de passagem e de construção da vida adulta. Afirmam as autoras: “[...] no período de transição de uma condição de estudantes para profissionais, estes devem ser investigados como um grupo distinto dos demais, identificando-se as particularidades de sua inserção no mercado de trabalho e os obstáculos que vivenciam para manter-se nesse mercado” (MELO; BORGES, 2007, p. 378).

Bardagi *et al.* (2004) apontam que algumas características do mercado e das instituições formadoras (escola, universidade) propiciam o estado de ansiedade e insegurança, especialmente a partir dos impasses gerados entre as competências acadêmicas desenvolvidas e as competências requeridas no mundo do trabalho contemporâneo. Por sua vez, para Teixeira (2002), a conclusão de um curso superior marca o fim de uma etapa na educação individual e carrega consigo uma série de expectativas que podem se tornar realidade ou não nos anos que se seguem.

Blanch (1990) entende que esse momento de transição, envolve os seguintes conceitos: ocupabilidade, contratabilidade e empregabilidade. A ocupabilidade é o grau de probabilidade de que uma pessoa ascenda ao mercado de trabalho em dado contexto. A contratabilidade é entendida por Blanch como o grau de adequação às características bio-demográficas e curriculares do demandante aos postos de trabalho ofertados. E a empregabilidade é o grau de adequação das características psicossociais do demandante ao perfil típico das pessoas empregadas. O autor propõe que é preciso uma conexão entre os aspectos socioeconômicos (demanda de postos de trabalho) e as características pessoais (características da demanda), para que ocorra a inserção profissional do egresso de um curso superior.

Diante da complexidade das mudanças ocorridas durante o processo de transição entre a universidade e o mercado de trabalho é que se busca neste estudo conhecer as percepçõesⁱ que o egresso do Curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão tem sobre a sua formação e o mercado hoteleiro de São Luís – MA.

E, ao tratar desse fenômeno, surge a seguinte questão: o que significa ser egresso de um curso? Em resposta a esta pergunta parte-se do conceito da palavra egresso que é utilizada para designar os indivíduos que concluíram cursos e/ou qualquer capacitação profissional em qualquer tipo de instituição ou entidade, por exemplo, escolas públicas ou particulares, universidades etc. É uma indicação de que frequentou o curso e se afastou após a conclusão.

No âmbito educacional existe divergência quanto à definição do termo egresso, pois alguns estudiosos referem-se exclusivamente aos alunos formados; outros abrangem a denominação a todos os indivíduos que saíram do sistema escolar, sejam eles ex-alunos: diplomados, por desistência, por transferência ou jubilados. Ferreira (2004) o considera, no âmbito educacional, como sendo o indivíduo que cumpriu o currículo de um curso de graduação ou pós-graduação e obteve uma titulação em determinada área do conhecimento. Analisando o termo egresso contido na legislação da área educacional, entende-se como sendo a pessoa que efetivamente concluiu os estudos, recebeu o diploma e está apto a ingressar no mercado de trabalho (BRASIL, 1996).

No entanto, a legislação específica, como a LDB 9.394/96 e o Decreto nº 2.208/97, faz referência a egressos de uma forma ampla: são todos os indivíduos que saíram do sistema escolar de diferentes formas: diplomados, desistentes, transferidos ou jubilados. A partir dos conceitos e critérios utilizados na definição do termo egresso, importa expor o que a legislação fala sobre egressos, bem como as políticas institucionais aplicadas para o acompanhamento e gestão de egressos.

Segundo Machado (2001, p.45), os egressos realimentam com informações a escola e a sociedade sobre as tendências do mercado. O acompanhamento de egressos é “um mecanismo que proporciona um quadro fiel do processo de inserção do ex-aluno no mundo do trabalho” além de permitir uma avaliação de como o profissional vem desempenhando suas atividades.

A inserção laboral de egressos envolve diversos aspectos que devem ser avaliados, tais como: o projeto do curso de graduação, o perfil dos professores, métodos de ensino e avaliação, autoavaliação dos estudantes, serviços de suporte, habilitação e infraestrutura. Tais fatores impactam na qualidade dos cursos, e consequentemente, na qualidade da mão de obra que entra no mercado de trabalho (BOTELLO, *et al.*, 2015).

Além destes aspectos Aparício *et al.* (2016) afirmam que um dos principais critérios que definem a qualidade do ensino na universidade consiste em sua articulação com o mercado de trabalho, ou seja, com o sistema de produção. Essa articulação é muito importante, sendo a resposta do ensino universitário às necessidades contextuais.

Dentre as formas de articular a relação entre a universidade e o mercado está o acompanhamento de egressos. Este acompanhamento se constitui, pois, uma forma de avaliar o desempenho da aplicação de um conteúdo acadêmico na inserção e na vivência do mercado de trabalho, possibilitando uma análise dos sucessos e das dificuldades enfrentadas na carreira profissional.

Diante disso, as Instituições de Ensino Superior (IES) precisam repensar a formação dos profissionais, com intuito de adequar os Projetos Pedagógicos (PP), conforme preconizado nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação (2002), em que é estabelecido como perfil do profissional/egresso. No caso do egresso do curso de Hotelaria, as Diretrizes afirmam que o hoteleiro deve estar

apto a atuar em um mercado altamente competitivo e em constante transformação, com impactos periódicos ou sazonais, segundo as mudanças na vida social, econômica, política, empresarial e organizacional, com ênfase na Gestão e Administração de Hotéis com os mais diversos e importantes aspectos estruturais, infraestruturais e o seu eficaz e qualitativo funcionamento, de acordo com os diversos segmentos culturais da demanda hoteleira (BRASIL, 2002, p. 17).

Além disso, o Projeto Político Pedagógico deve contemplar entre outros: a caracterização do estágio, as atividades complementares no âmbito do ensino, pesquisa e extensão, a produção científica dos docentes e discentes. E a partir disso pensar a formação para o mercado de trabalho, bem como superar suas fragilidades

no que tange ao reconhecimento da contribuição da formação de sujeitos críticos-reflexivos e à inserção no mercado de trabalho.

O grande desafio nesse momento consiste em formar profissionais aptos a responderem às demandas de uma sociedade complexa e inserirem-se em um mercado de trabalho competitivo, mas enfatizar uma educação humanista que promova a formação de sujeitos críticos, autônomos e com capacidade de transformação da sociedade.

É necessário, desse modo, ampliar o conhecimento acerca da trajetória dos egressos do curso de graduação em Hotelaria no mercado de trabalho, para que seja possível reconhecer as dificuldades e as facilidades, os mecanismos de enfrentamento e como a formação tem contribuído durante esse processo.

Nessa descoberta da trajetória dos egressos aparecem duas dimensões que analiso a seguir: o mercado de trabalho e a relação entre educação e trabalho. Essas duas dimensões são permeadas por desafios e aberturas ao profissional da sociedade contemporânea, pois como se pode ver o mercado de trabalho é dinâmico, fragmentado e multifacetado. A educação que hoje se relaciona com este mercado de trabalho constantemente encontra desafios na busca de meios para se adequar ao seu dinamismo e à pluralidade.

Metodologia

A metodologia é um fator importante na construção do estudo, mas não se deve entendê-la apenas como o conjunto de procedimentos técnicos na realização da pesquisa; a sistematização dos dados e a forma de análise dos resultados, como diz Morin (2010), ajudam a questionar e a criticar, e só então submeter à análise dos dados.

Esta pesquisa foi de natureza qualitativa, cuja abordagem “verifica uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, significa compreender o mundo dos seres humanos, o que pensam, desejam, o que sabem e o que pretendem fazer. Suas crenças e suas convicções não podem ser excluídas, não podem ser estimadas como algo externo ao assunto abordado (MORIN, 2016).

Este trabalho, metodologicamente, está compreendido em duas fases. No primeiro momento ocorreu o levantamento teórico-bibliográfico sobre a temática, da qual deliniei o objeto a ser analisado. A pesquisa bibliográfica foi realizada através de consulta a livros, teses de doutorado, dissertações de mestrado, revistas, artigos,

materiais digitalizados, dito em outros termos, uma técnica de documentação indireta que abrange material existente já publicado que versa sobre o assunto.

A leitura da bibliografia deve ser um exercício de crítica, na qual serão destacadas as categorias usadas pelos diferentes autores. Este é, segundo Goldenberg (2007, p. 79), “um exercício de compreensão fundamental para a definição da posição que o pesquisador irá adotar”. Também é um momento de buscar e fazer descobertas teóricas como forma de enriquecimento teórico-metodológico do trabalho.

A segunda fase compreendeu a pesquisa empírica e foi dividida em duas etapas: na primeira, a coleta de dados com os egressos quando aplicamos a entrevista. Esta técnica foi apropriada para a pesquisa, pois foi possível extrair, das atitudes e respostas dos participantes do grupo, sentimentos, opiniões e reações acerca do tema.

Para incluir evidências empíricas, tomamos como campo de pesquisa a Coordenação do em Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão, considerando a viabilidade concedida institucionalmente para o acesso a documentos que favorecessem o desenvolvimento da pesquisa, bem como dados sobre os egressos, bem como os espaços onde atuam os egressos: hospital, hotel, universidade, restaurante, entre outros.

O que dizem os sujeitos da pesquisa: tecendo as narrativas

Foram entrevistados 10 sujeitos e, deste total, sete são do sexo feminino e três do sexo masculino. A presença feminina na atividade hoteleira é predominante, mas isso não foi fator determinante para a escolha dos participantes, mas sim uma mera coincidência com a realidade.

O número de pesquisados foi influenciado principalmente pela agenda dos potenciais participantes, isto é, suas disponibilidades no que tange a seus compromissos e afazeres. Em segundo, pela própria essência da técnica utilizada (entrevista).

Para resguardar a privacidade dos egressos, escolhi para os inquiridos nomes das luas do nosso Sistema Solar. Segundo Bogdan e Biklen (1994), as identidades dos sujeitos devem ser protegidas para que a informação que o investigador recolhe não possa causar-lhes qualquer tipo de transtorno ou prejuízo.

Sobre as narrativas podemos dizer que elas constituem-se como um artefato importante na análise das percepções que os egressos do Curso de Hotelaria da UFMA têm sobre o seu percurso formativo e o mercado de trabalho. Essas narrativas trazem as subjetividades, as emoções, os sonhos e as expectativas, mas também mostram as contradições implícitas ou não nas falas dos sujeitos. Um pouco de tudo isso, através do que as pessoas narram, pois as narrativas não são lineares; elas também são descontínuas, elas são tecidas a partir das memórias que se (re) inventam, recontam, relembram selecionam e esquecem. Através das narrativas chega-se mais perto dos imaginários construídos sobre o ofício de ser hoteleiro.

Através das narrativas conta-se a vida, as experiências e o percurso percorrido durante e depois da formação acadêmica. Nesse sentido percebe-se que a formação iniciou-se no tempo em que o aluno de hotelaria já experienciava o mercado de trabalho nas atividades práticas e nos estágios do curso, bem como na extensão e na pesquisa. E estas experiências colocavam desafios, e outras demandas ao exercício da profissão. Desse modo, a formação do hoteleiro se inicia na sua experiência primeira ainda como aluno da graduação. Por isso, é fundamental motivar para a formação inicial e continuada para atuar no mercado turístico e hoteleiro.

Resgatar as trajetórias dos egressos desde a sua formação até a inserção no mercado de trabalho a partir das suas narrativas significa falar de diferentes tempos, fontes e lugares do curso, dos desafios e perspectivas da formação nesta área; significa, também, avaliar sua história, os componentes curriculares do curso e o trabalho docente.

Quando se reconhece a potência desta matriz – a narrativa – se reconstrói os saberes adquiridos ao longo da formação, bem se depara com instâncias que transcendem a preparação profissional. Essas dimensões são claramente identificadas nas falas dos sujeitos desta pesquisa, os egressos do Curso de Hotelaria da UFMA.

Para a academia é muito importante ouvir e ler esses depoimentos dos egressos com o objetivo de ajudar no desenvolvimento de projetos, bem como pensar os alunos como sujeitos únicos, com suas memórias, suas histórias, suas experiências diferenciadas, próprias a cada um e, ao mesmo tempo, coletivas.

Buscando explicar como os egressos percebem a sua profissão durante e depois da sua formação e como esta se articula com o mercado de trabalho, para apresentação e discussão dos dados dividi os tópicos e em categorias de análise, como segue:

- O que pensam os egressos sobre o currículo do curso de hotelaria

[...] A crítica que faço é quanto ao currículo que acho ultrapassado, penso que deveriam trazer assuntos mais atuais, mudar um pouco. Também é um currículo extenso e eu vejo disciplinas que não são de muita importância, um exemplo é a contabilidade e administração financeira, por mais que esteja lá, o mercado vai preferir contratar um contador para essa área e não um hoteleiro [...] eu sei disso porque trabalhei no Hotel do SESC e lá eles preferem um profissional de contabilidade para atuar nessa área, no *Tulip Inn* é a mesma coisa. E tem disciplinas que deveriam ser obrigatórias como enogastronomia porque hoje é difícil um hotel ou restaurante que não tenha clientes pedindo orientação de como combinar vinhos e comida [...] acho também que deveria aprofundar mais no inglês, no curso é muito básico, pelo menos quatro períodos de idiomas (Ariel).

Como crítica sobre o curso eu tenho também esta questão do currículo do curso que acho extremamente defasado, eu pude observar isso porque já tinha uma experiência vasta em hotelaria e pude perceber que as aulas estão muito distante daquilo que se vivência em um meio de hospedagem, eu não vi no Curso de Hotelaria disciplinas que contemplassem, por exemplo, a área comercial, como promover o hotel [...] Eu sugiro revisão no currículo, e que para isso se envolva pessoas do mercado de hotelaria para saber o que eles precisam em um profissional da hotelaria, qual o perfil do profissional que o mercado deseja e que haja um comprometimento da direção do curso e professores em dar formação adequada aos alunos (Callisto).

Bom, eu acredito que muitas disciplinas que não tem a ver com o nosso curso como planejamento de meios de hospedagem que a gente nem vai utilizar no dia a dia, e depois a gente olha que depois de formado e que se inseriu no mercado (Titã).

Esse primeiro bloco de narrativas mostra principalmente críticas ao currículo do Curso de Hotelaria da UFMA. De modo mais explícito, os egressos pensam no currículo apenas como um conjunto de disciplinas, mas de forma implícita, ou até mesmo sem perceberem atribuem ao currículo outro sentido quando falam de sua relação com o mercado e com a prática laboral. Significa dizer que o conceito de currículo está além da organização das disciplinas e que este se relaciona com outras dimensões, e que este é composto por outros componentes além das matérias.

Para entender o cruzamento entre currículo e mercado de trabalho, é importante pensar primeiramente que Bobbit escreveu, em 1918, a obra *The Curriculum* que passou a ser considerada um marco na fundação do currículo como um objeto de estudo específico. Bobbit concebia o currículo praticado tal qual se organiza a empresa e a fábrica, orientadas pelas ideias da administração científica de Frederick Taylor (LOPES; MACEDO, 2011).

Os egressos do curso de Hotelaria da UFMA estão falando da utilidade e da contribuição que as disciplinas/atividades devem ter para o mundo do trabalho de

forma que, ao saírem da universidade, sejam capazes de realizar aquilo que as diretrizes do curso propõem para o egresso. Uma organização curricular é resultado de intencionalidades em que estão postos subjetividades, enredos de vida, identidades, culturas.

- Da relação entre teoria e prática no Curso de Hotelaria da UFMA

Na relação teoria e prática se manifestam os problemas e contradições da sociedade em que vivemos que, como sociedade capitalista, privilegia a separação trabalho intelectual - trabalho manual e, conseqüentemente, a separação entre teoria e prática (CANDAU; LELIS, 1999). Para os autores, estas duas dimensões têm em si um diálogo permanente, pois a teoria nasce da e na prática e, ao reelaborar de forma crítica e reflexiva esta prática, devolve-a para uma nova ação que resulta, portanto, em um novo movimento.

No entanto, a prática, na opinião dos entrevistados, é colocada em segundo plano no curso de Hotelaria, não por ser menos importante, mas pelas circunstâncias como a ausência de estrutura física adequada, o diálogo frágil entre a universidade e o mercado e a contratação de professores sem vivência mercadológica e, por fim, um currículo desvinculado da realidade.

Hotelaria é um curso muito prático, contudo não vejo tanta prática no curso, a gente tem muita teoria, talvez agora com a Fábrica Santa Amélia muda, mas isso vai demorar (Ariel).

Percebo que não há práticas de como manusear sistemas operacionais do hotel, como lidar com as pessoas em determinadas situações, ou seja, no curso se tem muita teoria. Se tivéssemos o hotel-escola seria melhor (Titã).

A crítica que tenho ao curso é com relação á prática no curso, porque a prática é uma coisa que conta muito para se ter uma visão do que é a hotelaria, na teoria você aprende muitas coisas e até não aprende outras. Na prática é que você vai aprender como funciona a hotelaria. Então, falta prática nas disciplinas de Hotel I e II e Restaurante I e II. E sugiro que a prática seja uma prioridade no curso de Hotelaria da UFMA, eu acho que tem que fazer parte da vida acadêmica do curso (Dione).

Acho também que colocar mais práticas no curso para que o aluno conheça o mercado, ter visão mais ampla da área de hotelaria e se não tem prática deixa o aluno só na teoria, isso desmotiva (Ganimede).

É preciso compreender esta situação dialeticamente, ou seja, no curso teoria e prática precisam enriquecer-se mutuamente; como dia Morin (2010, p. 37) “ambas nos enriquecem e enriquecem o mundo nesta dialética, mas ainda assim permanecem

distintas”. A teoria se alimenta da prática para explicar o mundo e devolve esta prática (re) elaborada de maneira que possa transformá-lo.

As falas dos egressos apontam para a fragilidade do curso de hotelaria, no sentido de alcançar o que é útil para eles no mercado de trabalho. Portanto, para os egressos, é importante que no curso de hotelaria da UFMA se reconheça a necessidade, como diz Aranha (2017) de estabelecer um diálogo entre os dois conhecimentos, o conhecimento produzido/adquirido fora da escola – em especial no mundo do trabalho - e o conhecimento escolar sistematizado, é assumir uma postura epistemológica e ontológica que foge dos padrões dominantes.

- A inserção no mercado de trabalho

Nessa categoria, foram organizados os relatos que contemplam a trajetória do término da graduação, até a entrada no mercado de trabalho (distribuição de currículo, realização de estágios, oportunidades que surgiram, indicações).

Ao saírem da graduação, os egressos do Curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão seguiram diversos caminhos para conseguirem uma colocação no mercado de trabalho. De acordo com os relatos abaixo, observa-se que, inicialmente, alguns iniciaram no mercado através dos estágios não obrigatórios.

Comecei como estagiária, ainda era aluna do curso de hotelaria, trabalhava meio período porque estava no quinto semestre da faculdade, eu trabalhei no Rio Poty Hotel e depois no Hotel Luzeiros, em ambos na recepção, aprendi muita coisa de hospedagem. Eu consegui essa vaga de estágio porque nas férias eu distribuía currículo e descobri que no Poty precisavam de estagiários, fiz entrevista e permaneci dois anos lá, nesse período participei de um seletivo no Hospital UDI para trabalhar com hotelaria hospitalar, eu passei e fui contratada como *trainee*, depois fui efetivada (Io).

Desde o primeiro período do curso que os professores incentivavam os alunos a conhecer o mercado através das práticas, dos estágios, e essas atividades abrem portas. Mas eu desde o primeiro período comecei a procurar vagas de estágio e a partir disso fiz alguns estágios. Comecei estagiando no Hostel Solar das Pedras, e lá eu estagiei nas reservas e recepção, era um estágio não obrigatório e fiquei por lá durante dois anos, era remunerado. Depois disso fiz um estágio na Pousada Portas da Amazônia na área de A e B onde eu organizava café da manhã, eventos, e depois trabalhei com Volga Cerimonial Eventos que faz todo tipo de eventos, lá eu era recepcionista, e no Hotel Luzeiros eu fiz o estágio obrigatório. Em todos esses momentos eu dava opinião, pois como fazia hotelaria o pessoal sempre pedia sugestões. Um pouco antes de apresentar a monografia, eu consegui um teste no Grand São Luís Hotel e logo fui contratada e estou até hoje na empresa. (Rhea).

Para Borges (2002), o estágio deve ser analisado como um momento de aplicação de habilidades, competências e conhecimentos, oportunizando a vivenciar situações complexas de ensino-aprendizagem, propor executar, avaliar, reformular e refletir sua atuação, apresentando alternativas de solução para seu desempenho no processo educativo. E Alarcão (1996) entende que o estágio é uma experiência de formação estruturada e como um marco fundamental na formação e preparação dos alunos para a entrada no mundo profissional. O estágio na vida do egresso foi uma experiência de aproximação com a realidade de sua profissão, bem como facilitadora de sua permanência no mercado de trabalho para os egressos do curso de hotelaria.

Para o estudante de hotelaria, o estágio tem grande relevância por ser um espaço de prática que não existe no curso e essa carência os motiva a buscar fora da universidade essa vivência. Ao colocar os pés no Ensino Superior, muitos estudantes começam a pensar na primeira oportunidade de estágio na área escolhida, considerando-o porta de entrada para o mercado de trabalho.

- A contribuição do curso para o desenvolvimento pessoal e profissional

Perguntamos se o curso de Hotelaria da UFMA ajudou no desenvolvimento pessoal e profissional de cada egresso. O objetivo aqui foi verificar se os saberes dos ex-alunos são resultados de outras fontes além da sala de aula ou se somente do curso de hotelaria.

Os alunos foram realizando estágios e naturalmente ingressando no mercado hoteleiro, eles consideram que isso é fruto da formação que estavam recebendo naquele momento; pensam que, se não fossem graduandos ou graduados em hotelaria, teria sido difícil acessar as vagas de estágio ou de emprego formal.

O curso foi árduo e cansativo, mas ao mesmo tempo foi maravilhoso para o meu crescimento profissional, um exemplo disso, é que eu entrei no meu trabalho como estagiário, então quando eu entrei lá não foi necessário passar por treinamento porque já tinha conhecimento suficiente sobre atendimento, *mise en place* e ao longo do curso de Hotelaria fui aprendendo outras coisas que me ajudaram como degustação de vinhos de forma muito básica, mas ajudou. Para a minha vida pessoal só mudanças boas, tenho um olhar mais crítico da realidade, me tornei mais organizado, atencioso, mais criativo, alguns clientes até perguntam se eu estudei no SENAC por conta da postura, mas logo respondo que fiz hotelaria na UFMA. Então pelo elogio que recebo dos clientes percebo que a formação em hotelaria ajudou sim na vida profissional, apesar das deficiências do curso (Ariel).

Depois de formada o curso me ajudou muito porque mesmo durante o curso eu já tinha oportunidades de estágio e de contato com o mercado de trabalho, e como eu já sabia o que eu queria com o curso eu me planejei para atuar no mercado. O Curso me

favoreceu muitas coisas, principalmente conhecer o mercado hoteleiro (Rhea).

Para Bardagi, Lassance, Paradiso e Menezes (2006), a inserção do estudante universitário em atividades acadêmicas como, por exemplo, monitoria, estágios, iniciação científica, participação em eventos, palestras, além de somente frequentar as aulas, costuma ser associada à maior identidade profissional.

Teixeira e Gomes (2004) analisam que atividades não obrigatórias sobre a formação superior têm resultados positivos sobre a aprendizagem, sobre o desenvolvimento vocacional, bem como interferem no desenvolvimento pessoal, uma vez que relacionadas à área de formação.

Apesar das críticas à estrutura curricular do curso os egressos apontam que foi a formação em hotelaria que mudou seu modo de ler, de trabalhar com as pessoas, e que não só as aulas, mas também outros momentos na universidade proporcionam esse crescimento, quando participam de atividades e projetos de pesquisa e extensão, por exemplo.

No mercado de trabalho muitas coisas eu pude me sobressair porque tenho a teoria, como o domínio de termos técnicos, conhecimento de documentos. Houve sim, um crescimento intelectual da minha parte, até mesmo porque durante o curso eu participei de PIBIC, ser bolsista de projeto da FAPEMA me envolvi nas pesquisas e o referencial teórico me ajudou muito a crescer enquanto pessoa e profissional (Titan).

Com relação ao profissional a universidade contribui com a literatura, quando se vai para a sala de aula e se tem acesso à teoria, às leituras e isso é bom porque o mercado por si só não garante isso. Então a penso na importância da teoria, tem um aspecto positivo aí. Acontece que na prática a teoria às vezes está ultrapassada, mesmo assim tudo que se leu no livro do Geraldo Castelli, de organograma, de organização do hotel é possível ver na prática, no dia a dia, agora a forma como se operacionaliza é que se torna diferente. Algo também positivo na universidade é porque a gente aprende a se virar, ou seja, o aluno tem que aprender a buscar o conhecimento (Oberon).

O curso me proporcionou a oportunidade de conhecer várias áreas que a profissão abrange [...] Eu mudei muito depois que terminei o curso, foi através dessa formação que eu descobri a vocação de trabalhar com vinhos, eu fui atrás disso e fui para a Itália, onde passei dois anos fazendo o curso de *sommelier* e agora estou tentando trabalhar na área (Dione).

As contribuições do curso destacadas pelos entrevistados revelam a aquisição de várias habilidades e competências pertinentes à sua profissão; mesmo estas não sendo atendidas no currículo do curso, os alunos foram adquirindo esses saberes em

atividades extraclasses, como os estágios e os projetos de extensão. Aprenderam principalmente sobre as relações interpessoais que melhoraram o senso crítico a partir das leituras em sala de aula, além de habilidades técnicas como degustação de vinhos, entre outras.

Sobre o estágio, como é destaque em algumas falas, entendo que esta é uma fase em que o aluno passa a fazer uma reflexão sobre e a partir da realidade vivenciada na escola, momento em que ele terá uma aproximação com o espaço em que futuramente irá atuar. Como afirma Pimenta (2010, p.13) “não se deve colocar o estágio como um polo prático do curso, mas como uma aproximação à prática”.

Considerações Finais

Este trabalho foi realizado a partir das percepções dos egressos do curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão, identificando quais os desafios e fragilidades da formação e de que forma ela contribui para o processo de inserção no mercado de trabalho.

A partir dos resultados, percebemos que há uma heterogeneidade entre os egressos do curso em relação ao gênero, dado relevante na medida em que demonstra uma procura pelo curso predominantemente feminina. A amostra foi composta por 10 egressos na faixa etária dos 24 a 30 anos; 70% do sexo feminino, 30% do sexo masculino que se formaram entre os anos de 2010 e 2017.

Dentre os pesquisados, existe um percentual significativo de empregados no segmento de hotelaria; estes egressos estão inseridos em vários setores como hospital, restaurante, central de reservas, meios de hospedagem e ensino superior. Os dados também mostram a preocupação que os entrevistados tiveram em continuar os estudos depois de formados, sendo que a maioria já possui pelo menos uma pós-graduação *lato sensu* direcionada para sua área de atuação.

Percebemos que o campo de atuação para o profissional de hotelaria está em expansão apesar dos desafios e barreiras da profissão. Mas, como disseram os entrevistados, a formação acadêmica e as competências (saber-fazer) são centrais para se estabelecer e se manter no mercado. A hotelaria é uma profissão dinâmica e por isso é necessário adequar-se constantemente às exigências impostas pelas transformações sociais no contexto onde elas estão inseridas. A proposta de uma reforma curricular, adequando os objetivos do curso às exigências do próprio sistema produtivo pode ser um avanço para os próximos egressos.

É importante, pois, repensar permanentemente o papel da escola, a teoria pedagógica, a didática, os currículos, a organização escolar, a relação professor-aluno, na medida em que todos estes fatores contribuirão para a construção de relações sociais mais democráticas e inclusivas. É preciso repensar também em caráter permanente a empresa, os processos produtivos, as mudanças tecnológicas ali incorporadas, os processos de qualificação/ desqualificação da mão de obra, a exploração (ou não) do trabalhador, com o objetivo de formar um senso crítico capaz de produzir mudanças, transformando as denúncias vazias em propostas de ação que possam de fato melhorar a relação educação-trabalho-escola.

Toda essa construção da pesquisa extraída dos estudos sobre Educação, Turismo e Hotelaria, bem como dos depoimentos dos sujeitos se configura como o início de uma análise que pode e deve ser mais aprofundada e talvez, ainda, possa servir de modelo para outras produções acadêmicas nas referidas áreas.

Referências

Alarcão, Isabel. **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996.

ALMEIDA, L. S. SOARES, A. P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. **Estudantes universitários: características e experiências de formação**. 1. ed. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

ANDRIOLA, W. B. Estudo de egressos de cursos de graduação: subsídios para a autoavaliação e o planejamento institucionais. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 54, p. 203-219, out./dez 2014.

ARANHA, A. V. S. **Compreensão dos saberes produzidos e mobilizados no trabalho e sua relação com o currículo: análise dialética de algumas experiências**. 1. ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, 2017.

BARDAGI, M. P.; LASSANCE, M. C. P.; PARADISO, A. C. Trajetória acadêmica e satisfação com a escolha profissional de universitários em meio de curso. **Revista Brasileira de Orientação Vocacional**. V. 4, n. 13, p. 153-166, 2004.

BLANCH, J. M. **Del viejo al nuevo paro**. Barcelona: PPU, 1990.

BOGDAN, R.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação** uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORGES, Z. S. Estágio Curricular: atividade teórico-prática. In: QUADROS, C. de.; AZAMBUJA, G. (Org.). **Formação de professores em serviços: a experiência da UNIFRA**. Santa Maria: UNIFRA, 2002.

BOTELLO, Á. J.; CHAPARRO, S. E. M.; REYES, P. D. E. Estudio de la satisfacción de los estudiantes con los servicios educativos brindados por instituciones de educación superior del Valle de Toluca. **Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, v. 13, n. 2, p. 5-26, 2015.

BRASIL. **Lei nº 9.394, 20 de dezembro 1996**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2016.

BRASIL. MEC. **Parecer CNE/CES 146/2002**. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Direito, Ciências Econômicas, Administração, Ciências Contábeis, Turismo, Hotelaria, Secretariado Executivo, Música, Dança, Teatro e Design, 2002, p.17.

CANDAU, V.M. & LELIS, I.A. A Relação Teoria-Prática na Formação do educador. In: CANDAU, V.M (Org.). **Rumo a uma Nova Didática**. 10 ed. Petrópolis: Vozes. 1999. p.56-72.

DEL PRETRE, Z.; DEL PRETRE, A. No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários. **Estudos de Psicologia**, v. 8, p. 413-420, 2003.

FERREIRA, A. B. H. de. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LAHR, M. C. **O profissional da hotelaria: uma abordagem exploratória de sua formação**. 2004. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2004.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias do currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MELO, S. L. de.; BORGES, L. de O. A Transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 27, n. 3, p. 376-395, 2007.

MORIN, E. **Em busca dos fundamentos perdidos: textos sobre marxismo**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MORIN, E.; DÍAZ, C. J. D. **Reinventar a educação: abrir caminhos para a metamorfose da humanidade**. São Paulo: Athena, 2016.

PENNA, A. G. Percepção e realidade: introdução ao estudo da atividade perceptiva. Rio de Janeiro: IMAGO, 1993.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010

SAKAI, M. H; CORDONI, L. J. Os egressos da medicina da Universidade Estadual de Londrina: sua formação e prática médica. **Revista Espaço para Saúde**, Londrina, v.6, p. 34-47, dez. 2004, p.34-47, Disponível em: <<http://www.ccs.uel.br/espacoparasaude>>. Acesso em: 10 out. 2011.

SCHLOSSEBERG, N. K.; WATERS, E. B. GOODMAN, J. **Counseling adults in transition**. New York: Springer Publishing Company, 1995.

SILVA, A. A. da. et al. Educação na sociedade do capital: elementos para uma análise. **Revista LABOR**, v.1, n. 9, 2013.

TEIXEIRA, R. M. Ensino superior em turismo e hotelaria no Brasil: um estudo exploratório. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 7-31 nov. 2002.

Notas:

ⁱ Penna (1993) conceitua a percepção ou perceber como conhecer através dos sentidos, objetos e situações, mas perceber não é perceber, apenas os objetos concretos, como o são vulgarmente designados por essa palavra, percebem-se além dos objetos concretos, objetos ideais

ⁱⁱ *Mise en place* é o serviço de organização do salão do restaurante antes de iniciar o atendimento, é colocar no lugar certo os utensílios, os pratos, os talheres, os copos.

Sobre o autor:

Jonilson Costa Correia é Doutor em Educação (FaE/UFGM). Professor Adjunto III do Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão. Coordenador do Núcleo de Projetos e Pesquisas em Hotelaria.

Recebido em 22/05/2019

Aceito em 30/07/2019